

## As casas no caminho do Rio São Francisco

### The houses on the São Francisco River path

**Jackelina Pinheiro Meira Kern**

Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo  
Universidade Federal da Bahia  
jackelinapm@hotmail.com

**Marise de Santana**

Doutora em Ciências Sociais  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
nabaia@ig.com.br

**Recebido em:** 14/03/2020

**Aprovado em:** 20/05/2020

**Resumo:** O artigo analisa a formação das cidades do sertão, em especial em Juazeiro/BA e em Petrolina/PE, com enfoque no conjunto arquitetônico. Discute a formação social e as mudanças econômicas e culturais para entrarmos nas construções com o uso de platibandas já no final do século XIX e início do XX, realizadas por mestres de obras e artesãos que aprenderam o ofício no cotidiano das empreitadas. Muitos dos afrescos e desenhos, atualmente, já estão em vias de extinção dado às novas realidades construtivas, mudanças nos materiais de uso e a carência de profissionais com conhecimento nas técnicas do passado. O referencial teórico é baseado na Hermenêutica da Profundidade de John B. Thompson e a metodologia se utilizou de entrevistas com moradores e imagens fotográficas. Foram constatados os usos sociais e culturais que os moradores fazem dessas residências e o pertencimento em relação à memória e a cultura.

**Palavras-chave:** Casas; Memória; Platibandas.

**Abstract:** The article analyzes the formation of the cities in the hinterland, especially in Juazeiro / BA and Petrolina / PE, focusing on the architectural ensemble. It discusses their social formation and economic and cultural changes to enter the buildings with the use of platbands in the late 19th and early 20th centuries, carried out by masters of works and artisans who learned the craft in the daily life of the works. Many of the frescoes and drawings are currently on the brink of extinction given the new construction realities, changes in materials for use and the shortage of professionals with knowledge of past techniques. The theoretical framework is based on John B. Thompson's Depth Hermeneutics and the methodology used interviews with residents and photographic images. It was found the social and cultural uses that residents make of these residences and belonging in relation to memory and culture.

**Keywords:** Houses; Memory; Platbands.

## Introdução

As cidades do sertão do sub-médio do São Francisco, desde o século passado, precisamente nos anos 1970, particularmente as cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), passaram por transformações importantes, após a implantação de uma extensa área da agricultura irrigada e o consequente desenvolvimento econômico. Desta forma, houve mudanças no perfil social, cultural e financeiro da região com a chegada de muitos imigrantes vindos de outras regiões com tradição na agricultura. Esta nova realidade, econômica e cultural provocou alterações nos padrões construtivos, promovendo, por vezes, a substituição de construções antigas por prédios com finalidades comerciais, considerando que as edificações mais antigas se localizam em áreas de valorização comercial por serem centrais na configuração urbana atual.

Ao conhecer o conjunto arquitetônico das duas cidades, identifiquei que algumas fachadas foram modificadas e não havia documentação visual como fotografias e vídeos a respeito desses desenhos arquitetônicos. Diante disso, realizei pesquisa sobre o patrimônio arquitetônico dessas cidades, especificamente sobre as fachadas, a maioria com platibandas de inestimável valor cultural. Diante de tais percepções, procurei investigar quem foram os moradores que habitaram as respectivas residências, qual a origem das construções e quem são os atuais moradores. Destarte, um problema de pesquisa me moveu: como as fachadas das casas podem evidenciar aspectos da cultura dos seus moradores?

As fachadas, enquanto lugar de memória, delimitam os espaços que correspondem aos limites da moradia, a passagem das pessoas pelas vias públicas e a influência econômica da sociedade existente no século XX, nas cidades ribeirinhas. As casas em Juazeiro estavam nos padrões do Código de Postura de Salvador, criado em 1921 e que seguiu o exemplo da legislação da cidade de São Paulo, criado em 1886. Nas construções, era comum encontrar o ano em que foi concluída a construção logo abaixo das platibandas ou no alto das portas.

Baseado na hipótese de que as fachadas das casas podem evidenciar as relações culturais e econômicas dos seus moradores, há estreita relação com o meio social em que vivemos e pode demonstrar um processo acumulativo de experiências. O desenho das fachadas pode fazer evocar memórias acerca de pessoas que habitavam a casa, uma vez que algumas podem trazer até insígnias do proprietário das edificações, o ano de construção ou formas nas quais visualizamos os costumes e cultura dos moradores. Elas podem evidenciar as heranças das várias etnias que, ao longo dos anos, vieram morar na cidade e misturaram as suas raízes na cultura predominante dos

dois Estados, Bahia e Pernambuco. Ao verificar que moradores mantêm relação de identidade com as casas, seja conservando e buscando restaurar as platibandas, verifica-se que há um processo de evocação da memória.

Para tanto, foi utilizado o referencial teórico-metodológico da Hermenêutica da Profundidade (HP) de John B. Thompson que nos forneceu um parâmetro adequado para a análise sócio-histórica sobre temas como cultura, memória, poder e formas simbólicas, aliada às análises das narrativas dos moradores pesquisados. A HP, segundo Thompson (1995 p.79), “é o estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas”, inseridas nos contextos sociais, em tradições históricas e que são parte da história, tanto sua racionalidade quanto sua ideologia. Para ele, formas simbólicas são “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (1995, p.79). Thompson se refere ainda a hermenêutica da vida cotidiana, na qual o processo interpretativo reconstrói modos e fazeres de como as pessoas entendem a realidade ao seu redor.

Também foram realizadas entrevistas com os moradores para mapear e reconstituir a maneira como eles percebem a realidade ao seu redor, suas opiniões, crenças e compreensões. A fotografia foi utilizada em uma perspectiva documental a partir da consulta aos acervos públicos e a documentação visual realizada pela autora deste artigo, que fotografou 24 prédios, casas e as fachadas. Segundo Genzuk (1993), a imagem fotográfica pode ter perspectiva etnográfica na medida em que estabelece um método de observação, compreendendo as imagens como artefatos, que ajudam a contar a história. Nesse sentido, a imagem fotográfica foi usada como artefato para evocar lembranças dos moradores no curso das entrevistas individuais realizadas, a fim de registrar o patrimônio arquitetônico. Alguns entrevistados se emocionavam ao visualizar as fotos de suas residências e isso favoreceu a aproximação com o pesquisador para que houvesse a coleta de informações.

Sendo assim, este artigo tem como objetivo investigar o padrão arquitetônico das casas das cidades, a partir do estudo das fachadas nas quais evidenciam a cultura de seus moradores. Analisa-se a contribuição dos mestres de obras e suas artes do ofício. Para tanto, utiliza-se como categorias de análise: a imagem fotográfica das fachadas das casas antigas de Juazeiro e Petrolina, e entrevistas individuais com os moradores.

### **Surgimento das cidades e seus construtores**

As cidades nasceram e se desenvolveram no período colonial e imperial, inclusive nos primórdios da república, umbilicalmente vinculadas ao campo, uma vez que em todo este período a economia estava centrada unicamente nas atividades econômicas primárias, como produto do comércio da produção das fazendas e para o escoamento destes mesmos produtos.

As cidades foram se proliferando no litoral, como ponto inicial da ocupação humana e local centralizado da produção para a exportação de produtos (madeira, açúcar) para a Europa e o comércio triangular (incluindo a entrada de africanos) entre Brasil, Europa e África; nas margens de rios importantes como o São Francisco, uma vez que as estradas eram precárias ou inexistentes. A arquitetura das construções nas cidades do sertão brasileiro provinha de técnicas de construção com o sistema de pau-a-pique ou adobe, pedra, barro, cal e, com raras exceções, havia o emprego do tijolo. Entretanto, dadas as características da produção econômica, a moradia regular da população (ao menos a mais abastada) dava-se nas áreas circunvizinhas às cidades (nas chamadas chácaras), nas quais o abastecimento das famílias com produtos agropecuários era mais adequado, uma vez que não havia fornecimento regular dos produtos para as cidades (REIS FILHO. 1978)

Esta matriz construtiva somente foi alterada com o advento do século XX, no qual o incremento do comércio aliado ao início da produção industrial e o consequente deslocamento populacional nos centros maiores e mais dinâmicos provocaram a necessidade da expansão da área urbana e a absorção, em parte, das chamadas chácaras, impulsionando, até mesmo por questões de logística, a ocupação em definitivo do espaço urbano. Nesse momento o modelo das construções sofreu significativas mudanças.

**Imagem 1:** Platibanda na residência de Antônio da França Cardoso<sup>1</sup>



**Fonte:** Autora do artigo

No início do século XX, as platibandas<sup>2</sup>, que se constituíam por molduras largas, foram inseridas utilizando a técnica da ilusão para esconder telhados, decoradas com belos desenhos, símbolos do capital econômico dos moradores e dos valores de exibicionismo e ostentação. Os desenhos, dos mais diversos, trazem bustos, animais e geometrias, desconstruindo a percepção de um possível primitivismo tecnológico nas técnicas artísticas (REIS FILHO 1978, p. 72).

Atualmente, em algumas cidades, encontra-se casas com beirais no seu interior, principalmente no quintal, seja nos cômodos que serviam de depósitos ou dependências de empregadas, assim como nas elevações chamadas de alpendres. O alpendre também foi incorporado para a nossa arquitetura como um meio de esfriar os locais quentes. Lemos (2004, p. 53) considera que, no padrão de construção arquitetônico, foram empregadas técnicas de construção de povos ibéricos e, sobretudo, árabes, norte-africanos e indianos.

As fachadas de algumas casas foram planejadas e construídas com alpendres principalmente por causa da posição do sol. Em alguns casos, o alpendre se localizava no fundo,

---

<sup>1</sup> Rua Cesário da Silva, s/n Juazeiro/BA.

<sup>2</sup> A platibanda, um elemento construtivo no Brasil do século XIX, passou a ser obrigatório a partir do regimento do Código de Postura em alguns Estados, inclusive na Bahia. Ela emoldurava a parte superior das fachadas das casas, além de ostentar a classe social a que pertencia uma família e camuflar, muitas vezes, o tamanho real de uma casa simples, e também tinha a finalidade técnica de conduzir o escoamento da água da chuva para a parte lateral da casa e evitar que a água caísse diretamente na rua, uma vez que a maioria das casas ficava posicionada no mesmo limite do passeio (REIS FILHO, 1978). Dessa maneira, evitava-se que as pessoas que faziam uso das calçadas se molhassem.

mas os cômodos de empregados muito vistos na época, também ficavam dispostos nos fundos das casas, logo após a cozinha.

Os desenhos encontrados no decorrer desta pesquisa foram, em sua maioria, formas geométricas, ou que fazem semelhança com o cotidiano do mestre construtor que, muitas vezes, produziu intervenções na arte que estava desenvolvendo com saberes inspirados na paisagem local. Assim, o mestre fazia adaptação no padrão do eclético francês, movimento arquitetônico do século XIX.

Com relação aos profissionais construtores, o primeiro grupo foi formado por religiosos, principalmente os franciscanos, jesuítas e beneditinos e militares no Brasil, que por força das circunstâncias de muito serviço e pouco povoamento, faziam parte de um seletivo grupo de engenheiros e arquitetos. Na época do desenvolvimento das ferrovias, no século XIX, profissionais europeus foram contratados e há cursos de formação da Academia Real Militar do Rio de Janeiro seguida pela Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco e a Escola de Engenharia em São Paulo (FLORENÇANO, 2012).

Outro grupo era formado por mestres de obras, técnicos práticos, pedreiros, carpinteiros, pintores, que também construíam em menor escala casas, na época, unidas, parede a parede, para economizar os materiais. Eles contribuíam com seu conhecimento e acervo simbólico cultural, e eram reconhecidos somente como artífices ou artesãos. Segundo Campos (2006), o mestre de obras também fazia projetos e geralmente o construtor, o artesão, o artista ou mesmo o músico tinham uma formação prática, fundamentada no saber tradicional. Também havia artistas de desenhos populares.

Com o tempo, começaram a existir dificuldades de manutenção das esculturas nas fachadas, pois houve modificações no padrão e não houve a conservação e reparo. Na contemporaneidade, a arquitetura presente nas cidades de médio porte como Juazeiro (BA) e Petrolina (PE) traz ainda resquícios das antigas casas, contudo as fachadas, nas quais havia platibandas, cedem espaço para faixas publicitárias. Assim como, algumas casas foram demolidas para originar edifícios e prédios.

### **As casas nas cidades de Juazeiro/BA e Petrolina/PE**

Estas edificações estavam situadas nas margens do Rio São Francisco, também conhecido como Opará, nome designado pelos indígenas que habitavam a região e que significa rio-mar. O

rio começa no estado de Minas Gerais, passando pelos estados da Bahia e Pernambuco, até desaguar em Sergipe e Alagoas.

Juazeiro, cidade do norte da Bahia, distante 511 km da capital Salvador, localizada à margem direita do rio São Francisco, transformou-se em ponto de encontro dos boiadeiros que por ali passavam. Bandeirantes como Belchior Dias, Domingos do sertão, Pedro Barbosa Leal e Garcia D'Ávila percorreram a região, tornando-a assim um dos caminhos das bandeiras.

Devido à maneira próspera a que vinha se desenvolvendo, Juazeiro foi elevada a categoria de Vila em 1833 e a condição de cidade em 8 de setembro de 1878, data em que se comemora o dia da padroeira Nossa Senhora das Grotas cujo abrigo fica na Igreja Matriz. Theodoro Sampaio (1905) definiu a cidade de Juazeiro como o empório do sertão do São Francisco, centro de ativas transações, e que ainda hoje mantém algumas daquelas casas construídas sob as Posturas da época.

Nos relatos de memorialistas do século XX, a exemplo de Maria Creuza de Sá y Brito (1995), Jorge de Souza Duarte (1985) e de viajantes como Theodoro Sampaio<sup>3</sup>, são destacados a beleza das construções e o “certo gosto arquitetônico” (SAMPAIO, 1905. p.36), advindo de influências de outras regiões. Moradores desta região do sertão transitavam pelas capitais e grandes centros graças à estrada fluvial do São Francisco, que nasce na Serra da Canastra, em Minas Gerais. Também tinha uma antiga estrada de tropeiros que ligava a Bahia ao Maranhão.

Situada à margem esquerda do rio, encontra-se a cidade de Petrolina, conhecida anteriormente como Passagem do Juazeiro, como cita Spix e Martiuns (1938). Duas estradas do Piauí seguiam em direção à Passagem do Juazeiro, que se chama Travessia Nova, e se dirigem para as nascentes do rio Canindé e, por ele abaixo, até Oeiras, ora se aproximando, ora se afastando do São Francisco (SILVA e WOLF, 1938 p. 300). Atualmente, a maior cidade do vale do São Francisco<sup>4</sup>, foi formada a partir de um pequeno povoado às margens do rio, local de descanso para viajantes que cruzavam da Bahia ao Maranhão.

O urbanismo das cidades ao longo do rio permitiu a expansão rápida do comércio pelo fácil acesso de cargas e negócios nas embarcações que por ali transitavam. Antes da estrada de

---

<sup>3</sup> Foi um engenheiro, geógrafo, escritor e historiador brasileiro. Participou de momentos marcantes, como a expedição de Orville Derby ao vale do rio São Francisco, sendo o único brasileiro entre os americanos Amigo de Euclides da Cunha, auxiliou o escritor com conhecimentos sobre o sertão baiano na elaboração do livro *Os Sertões*.

<sup>4</sup> Dados estatísticos do IBGE apontam para uma população de 276.174 e com a extensão de 4.756,8 km<sup>2</sup>.



ferro, o único meio de transporte era fluvial. De um lado ao outro do rio, muita dificuldade para interligar os estados, sendo através das cidades de Juazeiro e Petrolina que o sertão nordestino fazia transporte para o sul-sudeste brasileiro.

Logo, Juazeiro tornou-se uma excelência no que diz respeito ao comércio de todo o Vale. As embarcações chamadas de “vapor” tornaram-se o transporte de pessoas e de cargas em um rio ainda plenamente navegável. De Pirapora e Januária em Minas Gerais até a foz na cidade de Piaçabuçu, em Alagoas, o comércio era tido como dos melhores nessa integração de Estados.

Com o crescimento das cidades devido ao comércio, casas e casarões começam a surgir e no início do século XX, Juazeiro e Petrolina são vistas como cidades prósperas e de grande beleza por aqueles que as visitam. Influenciadas pelo Ecletismo com características trazidas da Europa para o Brasil fazia jus as fachadas encontradas no interior, muitas vezes cópias de fachadas encontradas nas capitais.

**Imagem 2:** Lançamento da pedra fundamental dos Artífices Juazeirenses



**Fonte:** Arquivo Acervo Maria Franca Pires/Departamento de Ciências Humanas, UNEB/Juazeiro

A respeito da presença de mestres de obras, identificamos a importância da Sociedade Beneficente dos Artistas Juazeirenses, fundada no ano de 1928 em Juazeiro, pelos trabalhadores na arte da construção como pedreiros, marceneiros, carpinteiros e pintores, cuja organização marcou a vida administrativa e urbanística da cidade. Contudo, não encontramos documentos no local pela degradação que sofreu ao longo dos anos, visto que não havia dentro da cultura local preocupação e meios financeiros para organizar e preservar essa memória. Atualmente, sob os cuidados da senhora Flor de Maria Bandeira e alguns sócios, que colaboram com uma quantia



simbólica, a fachada continua preservada assim como o seu maior bem: a porta desenhada pelos artífices da época, como Saul Rosa e Cecílio Matos, entre outros, tendo sido os pedreiros todos voluntários.

Na cidade pernambucana existe hoje a rua que foi designada de Petrolina Antiga pela presença dos casarões que ainda resistem. Casas construídas no início do século XX, com suas belas platibandas decoradas com desenhos geométricos de grande beleza que, imediatamente, instigam os nossos olhares para o alto, uma vez que, no resto da fachada não identifiquei além dos janelões, algo capaz de chamar tanta atenção como as platibandas e as cores.

Os mestres de obra que desenvolveram suas técnicas a partir da observação de recortes de revistas, por modelos de outras casas, ou por desenhos que os proprietários rabiscavam, ou mesmo ainda na observância de fotografias de casas que residentes traziam das capitais, eram suficientes para dar início à obra.

**Imagem 3:** Travessa Duque de Caxias Comércio de Juazeiro no Início do Século XX



**Fonte:** Arquivo Acervo Maria Franca Pires/Departamento de Ciências Humanas, UNEB/Juazeiro

O corpo das construções era estritamente funcional, mas com um sistema precário de ventilação, uma vez que a arquitetura colonial ainda era a referência base para a urbanização das cidades. Destarte, as casas eram construídas nos limites dos lotes, o que impedia áreas de ventilação que não fossem na fachada.

As mudanças ocorridas ao longo dos anos no interior do Brasil, principalmente no Nordeste, deram-se de forma lenta. A urbanização acontecia com maior intensidade dependendo do comércio de cada cidade, mas nesse aspecto Juazeiro era um pólo de desenvolvimento regional. As cidades ao longo do rio faziam comércio e transportavam cargas em Vapores que partiam de Pirapora em Minas Gerais, Bom Jesus da Lapa e Barra do Rio Grande, na Bahia, para Juazeiro, onde existia uma ferrovia.

Obra de grande importância, a ferrovia Alagoinhas-Juazeiro trouxe, além do progresso, pessoas como o Sr. Valdivino Ferreira, que residia em Salvador, e que se mudou para Juazeiro na época da construção da ferrovia. Seu neto, Ezequias, de 42 anos, registrou as histórias do avô, que passou a ser um construtor na cidade, chamado de mestre-pedreiro. Halbwachs (2004, p.75) enfatiza que um acontecimento só toma lugar na série dos fatos históricos algum tempo depois de ocorrido. Portanto, somente bem mais tarde é que podemos associar as diversas fases de nossa vida aos acontecimentos nacionais.

A delicadeza de um sertão que, na maioria das vezes, é narrado no cinema, na televisão e na mídia em geral com a aspereza da pobreza que permeia o coletivo brasileiro, aparece na obra de Mariani (1987) com uma diversidade no colorido da cal e do pó xadrez com desenhos geométricos que revelam sinais de várias culturas, como a oriental e africana. Como cita a arquiteta Lina Bo Bardi (1987, p. 239), “(...) o Brasil não é só Ocidente, é também África e Oriente – este trabalho o denuncia”.

No interior das cidades, verificamos que alguns moradores continuam mantendo em suas casas as fachadas com platibandas, seja com desenhos de reprodução das rendas das vestimentas ou somente com linhas escalonadas retas como as da Petrolina antiga ou curvas arredondadas típicos da Art Déco. Nas duas cidades, é comum encontrarmos fachadas com platibandas vazadas, com desenhos geométricos, balaústres clássicos ou simplesmente pintados. Na antiga rua do Grude, que fica na área denominada Petrolina antiga, é comum encontrar casas com essas características, em que os desenhos das fachadas nos remetem ao passado, disputando olhares com os prédios de apartamentos construídos com a exuberância da contemporaneidade.

As platibandas rendilhadas, como são chamadas, foram utilizadas durante muito tempo em diversos lugares da Europa. Em Portugal encontra-se um dos mais importantes monumentos

da arquitetura em estilo manuelino ou gótico português tardio<sup>5</sup> o Mosteiro de Santa Maria da Vitória em Batalha. O professor Renner Benevides<sup>6</sup> explica que a origem da renda, que remete às antigas civilizações, não foi ainda esclarecida, admitindo-se somente que pode ter vindo dos fenícios que faziam negócios privilegiados com Portugal ao longo das andanças marítimas e foi exatamente em Portugal que houve a sua divulgação.

Muitos são os significados nos elementos utilizados no alto das fachadas, como pinhões da casa de D. Terezinha Braga que podem remeter a fertilidade e/ou imortalidade segundo o arquiteto Cosme Cavalcante<sup>7</sup> são elementos que na época poucas famílias sabiam do que se tratavam. Muitas casas eram réplicas de outras e os ornamentos eram utilizando somente por valor estético.

**Imagem 4:** Casa de Terezinha Braga



**Fonte:** Autora do artigo

Os elementos do desenho no qual está inserida as platibandas nordestinas são diferenciadas pelas formas geométricas. O decor utilizado pelos construtores era normalmente resultado de desenhos que referenciavam um pedido do proprietário ou uma arte desenhada pelo próprio construtor, que nos transportam aos desenhos de trilhos, rodas de carroça, figuras

---

<sup>5</sup> Estilo decorativo escultório desenvolvido durante o reinado de D. Manuel I em Portugal. Marcado por motivos iconográficos próprios simboliza o poder régio.

<sup>6</sup> Graduado em Artes Plásticas pela Universidade Federal da Bahia (1987). Atualmente é Professor auxiliar da Universidade do Estado da Bahia. Relato oral na banca de defesa de TCC da autora (2008).

<sup>7</sup> Arquiteto pela Universidade Federal de Pernambuco (1978) e Especialização em Gestão Ambiental pela Realiza/BA (2009). Atualmente é Professor do Curso Superior Bacharelado em Engenharia Civil da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC). Entrevista realizada em 13 de fevereiro de 2010.

geométricas do desenho, flores, folhagem, riscos que vão além da imaginação, desenvolvendo um perfil subjetivo dos artífices que desenharam.

O ato do desenho era bastante peculiar aos mestres. Cada um tinha o seu jeito e técnica para moldar os desenhos, alguns até repetitivos no conceito, como os que faziam o molde sempre vazado, e outros faziam somente os riscos geométricos escalonados, os quais se tornaram comuns em quase todas as regiões do Nordeste, do Ceará a Bahia.

Designer, arquitetos, mestres de obra e artesãos faziam parte de um grupo de profissionais engenheiros do sertão. Diante das promessas de progresso em que viviam as classes mais abastadas da Belle Époque, extravagâncias era sinônimo de poder. Os desenhos das platibandas são atualmente vistos como um símbolo de uma época passada que guarda a memória das cidades e os acontecimentos arquitetônicos vindos de lugares distantes e materializados pelas mãos dos artesãos e mestres de obras locais que utilizavam dos traços alongados e assimétricos para expor a sua arte nas platibandas.

### Os Mestres e as Obras

Com a construção da Estrada de Ferro Alagoinhas-Juazeiro, pela Leste-Brasileira, podemos observar a aceleração do desenvolvimento das duas cidades, uma vez que a estrada de ferro possibilitou a ampliação do comércio, a comunicação com a capital e o rápido desenvolvimento da região.

**Imagem 5:** Estação Ferroviária Leste-Brasileira em Piranga Juazeiro.



Fonte: Autora do artigo<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> A foto consta da exposição fotográfica Cal Barro e Luz de Jackelina Kern realizada no Museu do São Francisco em Juazeiro/BA como parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do

Diferente do que pensavam os moradores que traçavam desenhos vindos da capital, os mestres de obras e pedreiros que moldavam as platibandas com suas colheres e pincéis, muitas vezes deixavam correr a sua criatividade no desenvolvimento dos trabalhos, criando assim uma identidade própria como a que nos revela Anna Mariani, no seu livro *Pinturas e Platibandas* (1987).

Estes, por não possuírem cursos específicos de engenharia, arquitetura ou mesmo de desenho, pela dificuldade de estudos naquele tempo, praticavam no dia-a-dia o dom que já possuíam de desenhistas por excelência, passando por várias funções. Gomes (1996, p.74) cita o alemão Peter Behrens (1869-1940), que começou sua carreira como pintor e deu origem ao profissional do Desenho Industrial Moderno.

As casas construídas em adobe, em uma mistura de barro e folhas, como tijolos artesanais, ficam expostos na maioria das casas em reforma. Segundo Nei Barbosa<sup>9</sup>, 47 anos, mestre de obras e morador da Rua Conselheiro João Alfredo, número 2007, a reforma dessas casas precisa de uma preparação prévia, como o isolamento do barro com telhas, para depois colocar a cal e, por último, a pintura, que dificilmente acertam os detalhes.

Manter uma casa antiga e preservar as paredes que por vezes a massa é composta de cal, barro e areia, e como se diz de costume, com muito sal, faz as famílias utilizarem o piche, uma substância preta, mole e gomosa, derivada do petróleo, que é usado como impermeabilizante de pisos e coberturas. Ainda hoje essa técnica é utilizada nessas casas, logo após a raspagem da tinta nas platibandas, principalmente naquelas que estão com a fachada comprometida pelo sal.

Ezequias<sup>10</sup> nos revela que um dos instrumentos utilizados pelo avô antes do início de uma construção era a maquete, modelo em miniatura das casas a serem construídas. Até o final do século XX ele possuía o que restaram de algumas. Fazia-se uma maquete do desenho que o dono da casa lhe entregava, para que então fosse aprovada. Normalmente era aprovada, segundo o que sua mãe contava.

Nei de Souza nos fala emocionado da dificuldade de manter a casa com a fachada original, já que a cidade não dispõe de profissionais que saibam trabalhar as platibandas sem

---

Estado da Bahia UNEB) que teve como avaliadores da banca Frederico Mendonça Diretor do IPAC e o professor Ms. Renner Benevides e como orientadora a professora Dra. Andrea Cristiana.

<sup>9</sup> Nei de Souza, entrevistado no dia 15 de agosto de 2011 em Juazeiro.

<sup>10</sup> Ezequias Cardoso Pitomba, entrevistado no dia 12 de junho de 2011 na praça da Misericórdia em Juazeiro/BA;

prejudicar os desenhos. Ele alerta sobre o rompimento dos laços familiares de alguns moradores para com as fachadas das casas, devido a essa dificuldade e também aos modelos mais modernos de fachadas com garagens, varandas e jardins que fazem parte hoje da nova morada.

Muitas vezes, existe a necessidade de mudanças nas residências, seja por situação de crescimento familiar, estrutura das casas ou mesmo por falta de profissionais capazes de trabalhar a cal e o barro Stelitta Santana<sup>11</sup> nos conta que todos os desenhos e pinturas que havia dentro de casa, assim como na sala de visitas, foram se apagando com o tempo por não encontrarem um profissional que recuperasse a pintura nas paredes. Se atualmente não existem profissionais que trabalhem com os desenhos de platibandas, as pinturas no teto e nas paredes, quem eram, afinal, esses artífices que tão bem trabalhavam a cal?

**Imagem 6:** Casa da família Santana em Petrolina-PE



**Fonte:** Autora do artigo

O Senhor Raimundo Brito<sup>12</sup>, de 81 anos, que trabalhou em muitas casas, inclusive na construção do Aqueduto<sup>13</sup> do Horto Florestal de Juazeiro, no qual existe o sistema de irrigação por gravidade em funcionamento até os dias atuais no campus da Universidade do Estado da

---

<sup>11</sup> Stelitta Santana, entrevistada no dia 05 de agosto de 2010 na residência Rua Conselheiro João Alfredo, Petrolina, Pernambuco em 2009.

<sup>12</sup> Entrevista na Praça da Bandeira, em setembro de 2011.

<sup>13</sup> O aqueduto encontra-se no Campus III da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, localizado no bairro São Geraldo, no município de Juazeiro-BA, extremo norte do estado, lugar conhecido antigamente como Horto Florestal, na época sede da Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco – FAMESF. É o único bem imóvel tombado em nível estadual em Juazeiro.



Bahia em Juazeiro, nos conta que muitas vezes os desenhos relacionados a trilhos, rodas, triângulos, quadrados, eram feitos em uma sequência geométrica desenhados no chão ou barro em frente à obra e depois repassado para o papel. Neto (1976, p. 21) cita que o desenho é encarado como conhecimento e ação construtiva, ambos elementos básicos das estruturas plásticas puras e das criações simbólicas imaginárias.

Nesse sentido o Sr. Raimundo não está distante das estruturas que fazem parte da dinâmica de uma arte. Mesmo que não tenham frequentado um curso ou mesmo a universidade, os mestres de obras conseguiram preencher a lacuna entre o tijolo e a pintura.

### **Considerações Finais**

Durante o trabalho de pesquisa, evidenciou-se que a mão-de-obra responsável pela quase totalidade dos objetos de estudo foram sempre os mestres de obra da época, que em regra aprenderam boa parte de seus ofícios no dia a dia das obras, muitas vezes buscando inspirações em outras construções, ideias trazidas de outras paragens ou mesmo em sugestões dos proprietários, ainda que nem sempre seguidas à risca.

Parte de seus trabalhos ainda sobrevive ao tempo e as mudanças urbanas, ainda que haja menos condições de restauro, e em que pese a contínua pressão do mercado imobiliário, pois estão de regra em área nobre das cidades e as dificuldades de mão-de-obra adequada aos reparos. O ato do desenho era bastante peculiar aos mestres. Cada um tinha o seu jeito e técnica para moldar os desenhos, alguns até repetitivos no conceito, como os que faziam o molde sempre vazado e outros somente os riscos geométricos escalonados.

Ao discutir as fachadas das casas, verifica-se que houve transformações nas construções com finalidades comerciais e financeiras, considerando o alto valor comercial dessas propriedades e, como já dito, as dificuldades dos proprietários em mantê-las de forma adequada. Some-se a isso a avançada idade da maioria de seus moradores/proprietários. Aliado a isso temos o fato de que muitas profissões foram extintas pelo desuso ou transformadas em outras ao longo dos anos como a dos desenhistas dessas fachadas. Ainda assim muitas subsistem, amparadas no esforço de seus antigos usuários, que ainda evocam sentimento de pertencimento em relação às moradias. Ressalte-se ainda que não existe na região nenhuma legislação de proteção ao patrimônio, e o trabalho de inventário de 97 imóveis que foi realizado pelo arquiteto Sérgio Lopes (1999) nas cidades de Juazeiro e Petrolina, é um dos poucos documentos que dão suporte para as pesquisas.



### Referências bibliográficas

- BRITO, Maria Creuza de Sá Y. **Petrolina, origem, fatos, vida, uma história**. Petrolina: Impressora Tribuna do Sertão, 1995.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Introdução ao Barroco Mineiro**. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.
- DUARTE, Jorge de Souza. **Juazeiro nos caminhos da história**. Juazeiro: Impressora Rocha Ltda, 1985.
- FLORENÇANO, José Carlos; ABUD, Maria José. **Histórico das Profissões de Engenheiro, Arquitetos e Agrônomos no Brasil**. Acesso em 16 de março de 2020. Disponível em <http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/exatas/article/viewFile/317/527>.
- GENZUK, Michel. **A Synthesis of Ethnographic Research**. Occasional Papers Series. 1993
- GOMES, Luiz Vidal Negreiros. **Desenhismo**. Santa Maria: Ed. Da Universidade Federal de Santa Maria, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- LEMOES, Carlos A.C. **O que é Patrimônio Histórico**. São Paulo: Editora Primeiros Passos, 2004 (Coleção Primeiros Passos).
- LOPES, Sergio Marcelino da Motta. **Juazeiro: entre o rio e a história: delimitação, inventariação e requalificação de áreas de interesse histórico-arquitetônico em Juazeiro da Bahia**. Fortaleza: UFC, 1999.
- MARIANI, Ana. **Pinturas e platibandas: fachadas populares do Nordeste brasileiro**. São Paulo: Mundo Cultural, 1987.
- NETO, Onofre Penteadado. **Desenho Estrutural**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo. Editora Perspectiva, 1978.
- SAMPAIO, Teodoro. **O Rio de S. Francisco e a Chapada Diamantina / Teodoro Sampaio, organização José Carlos Barreto de Santana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SPIX, Von, Martiuns, VON. **Através da Bahia: excertos da obra Reise in Brasilien ; transladados a portugues pelos drs. Piraja da Silva e Paulo Wolf**. São Paulo: Editora Nacional, 1938.
- THOMPSON, John. B. **Ideologia e cultura moderna**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.